

Jornalismo comparado e papéis profissionais: mapeamento das fontes em jornais do Brasil e dos Estados Unidos¹

Rafael Rangel Winch²

Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC

RESUMO

O artigo analisa o uso das fontes de informação em dois sistemas de mídia diferentes: Brasil e Estados Unidos. A partir dos dados da análise de conteúdo realizada pelo projeto internacional *Journalistic role performance around the globe* (JRP), descreve-se as categorias e tipos de fontes mais presentes na cobertura jornalística destes dois países. Entre os principais resultados, verifica-se a predominância das fontes do campo político e do campo econômico nos itens noticiosos dos jornais brasileiros e estadunidenses. Observa-se, também, uma maior valorização da menção das fontes e do equilíbrio informativo no jornalismo praticado nos Estados Unidos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo comparado; Fontes de informação; Papéis profissionais.

Introdução

Os papéis profissionais dos jornalistas constituem uma importante área de pesquisa que contribui para aprimorar o conhecimento acerca do impacto do jornalismo na sociedade, especialmente na vida política e democrática (HELLMUELLER; MELLADO, 2015). Investigar as funções e finalidades do jornalismo é uma forma de reconhecer as possibilidades e limites do exercício da profissão na atualidade. O mapeamento e a comparação de papéis profissionais em nível internacional são movimentos que podem expor padrões de jornalismo em países culturalmente distintos, bem como evidenciar diferenças nos modos como a atividade jornalística vem sendo realizada. Neste artigo³, buscamos evidenciar o uso das fontes em jornais do Brasil e dos

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Doutorando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista FAPESC/CAPES. E-mail: rangelrafael16@hotmail.com

³ Artigo desenvolvido com base nas discussões da disciplina Questões Teóricas da Pesquisa em Jornalismo: culturas, valores e papéis profissionais no jornalismo: a pesquisa comparativa internacional, ministrada por Jacques Mick, membro do projeto *Journalistic role performance around the globe*.

Estados Unidos, a partir dos dados do projeto internacional *Journalistic role performance around the globe* (JRP).

O presente estudo se estrutura da seguinte forma: 1) apresentamos o projeto JRP, destacando sua sistematização dos modelos (papéis profissionais); 2) exploramos a discussão sobre as fontes de informação no discurso jornalístico; 3) evidenciamos a presença e os tipos de fontes em jornais do Brasil e dos Estados Unidos a partir dos resultados da análise de conteúdo realizada pelo JRP; 4) tecemos algumas considerações acerca do artigo, prospectando aprofundamentos posteriores.

Sobre o projeto JRP

O projeto *Journalistic Role Performance Around the Globe* (JRP) possui como objetivo nuclear comparar o desempenho do papel jornalístico em nível internacional, entendendo a influência que diferentes sistemas midiáticos exercem sobre a prática do jornalismo, bem como a distância entre as concepções de papéis e a prática profissional. Para tanto, analisa como diferentes dimensões de papéis profissionais se materializam no produto noticioso.

Pesquisas sobre papéis profissionais existem há pelo menos cinco décadas. Todavia, são recentes os estudos que se propõem a examinar como tais papéis, associados aos ideais do jornalismo, se materializam, em produtos noticiosos (MELLADO, 2015). Estudos desenvolvidos no âmbito do JRP utilizam em suas análises um conjunto formado por seis modelos de desempenho de papéis no jornalismo, inclusos em três grandes domínios, são eles: a) a presença da voz jornalística (modelo disseminador-intervencionista); b) a relação que o jornalismo sustenta com os chamados poderes de fato e de direito, isto é, as instituições (modelos fiscalizador e leal-facilitador); e c) a maneira como o jornalismo interpela o público (modelos de serviço, de infotainment e cívico). A seguir, com base em Mellado (2015), descrevemos brevemente a configuração de cada um destes modelos.

O modelo disseminador-intervencionista, espaço que inclui o domínio da voz jornalística, trata da postura passiva ou ativa dos jornalistas em seus conteúdos noticiosos. A posição passiva relaciona-se à distância entre o jornalista e os fatos (ideia de neutralidade e imparcialidade). Já a posição ativa sinaliza que o jornalista tem voz nos relatos que produz e, muitas vezes, acaba por ser um defensor de determinadas perspectivas e grupos sociais.

O modelo fiscalizador, conhecido como jornalismo cão de guarda e investigativo tem como característica básica denunciar falhas, infrações e desvios de instituições públicas e privadas, responsabilizando estas pelos seus atos. Por esta dimensão, o jornalismo é reconhecido como uma espécie de “quarto poder”. Já o modelo leal-facilitador vincula-se à uma postura submissa, dependente e servil do jornalismo diante dos poderosos (instituições). Nesta dimensão, os veículos atuam, muitas vezes, como parceiros dos governantes e auxiliares da harmonia e unidade nacional.

O modelo de serviço congrega os direitos e os interesses próprios da audiência, construindo uma relação ciente-profissional entre jornalista e público. Esse tipo de jornalismo associa-se a questões como estilo e qualidade de vida, fornecendo sugestões/conselhos que auxiliem as pessoas em sua vida cotidiana. Por sua vez, no modelo cívico, também conhecido como jornalismo público, os veículos voltam-se para questões como cidadania e vida pública, estimulando a participação dos cidadãos nas esferas sociais, políticas e culturais. Por fim, o modelo de infotimento, em alguns países chamado jornalismo de tabloide, lança mão de variados discursos estilísticos, narrativos e/ou visuais para captar, entreter e emocionar o público. É um modo de jornalismo que interpela o público como espectador, buscando produzir o relaxamento das audiências. Além de comparar o desempenho dos modelos, o projeto JRP também procura compreender a influência de vários campos, como o econômico e o político, nas práticas jornalísticas.

A pesquisa comparativa internacional em jornalismo não escapa de pressuposições normativas, ocidentais e liberais acerca de como o jornalismo deve operar na sociedade. Hellmueller e Mellado (2015) defendem um método múltiplo e uma abordagem global para reconhecer a diversidade dos jornalisismos existentes nas mais diferentes sociedades. Entende-se, assim, que para chegar-se à uma compreensão sobre como o jornalismo funciona como instituição, é necessário mapear e problematizar o contexto em que esses jornalistas trabalham e como as concepções de papéis profissionais impactam concretamente a atividade jornalística.

Embora os estudos comparativos em jornalismo partam do pressuposto de que a concepção de papéis influencia os conteúdos noticiosos, é preciso ponderar que a lacuna entre os ideais e a prática é inevitável, uma vez que os jornalistas estão expostos a contingências diversas que limitam a possibilidade de os profissionais viverem sempre de acordo com os padrões normativos do ofício (MELLADO; VAN DALEN, 2014). Além

disso, uma correspondência linear entre ideais e prática do jornalismo inexistente devido ao próprio caráter dinâmico e complexo da linguagem que conforma todo e qualquer discurso, incluindo o de caráter jornalístico.

Mesmo com tais ressalvas, a pesquisa comparativa internacional ainda pode lograr avanços e resultados importantes para o campo teórico do jornalismo ao traçar panoramas da estruturação profissional em diferentes sistemas midiáticos e políticos. Na sequência deste artigo, abordamos especialmente a questão das fontes no discurso jornalístico, destacando algumas apreensões do conceito.

As fontes no discurso jornalístico

Um dos principais elementos do discurso jornalístico é a fonte. Com seus depoimentos, expressões e impressões, as fontes auxiliam na apresentação e compreensão dos fatos narrados numa história. Em suas rotinas de produção, os jornalistas precisam recorrer a diferentes tipos de fontes para a reconstrução discursiva dos acontecimentos e temas que tratam. Inevitavelmente, as fontes são fundamentais e determinantes para a qualidade da informação no jornalismo (GANS, 1979). É preciso lembrar que as fontes também podem ser constituídas como documentos, referências, meios de comunicação, grupos sociais e organizações (SCHMITZ, 2011), ou seja, as fontes não são apenas os indivíduos singulares diretamente observados e entrevistados pelos jornalistas.

O discurso jornalístico se legitima socialmente com base na verossimilhança com a realidade, o que é alcançado, em grande medida, pelo uso das fontes. Estas precisam preencher determinados requisitos para obterem destaque nos itens noticiosos produzidos pelo jornalismo. Para amplificar a voz da fonte, os jornalistas costumam lançar mão de critérios variados, como a autoridade, a produtividade e a credibilidade. Historicamente, o discurso jornalístico é engendrado especialmente por meio de enunciados das fontes de caráter oficial. A predominância desse tipo de fonte resulta dos próprios critérios de seleção jornalística, bem como das rotinas produtivas das organizações e veículos.

Por conta da centralidade das fontes no discurso jornalístico, além de identificar os entrevistados e documentos dos quais as informações são extraídas, espera-se ainda que os jornalistas cruzem e confrontem as diversas versões dos relatos obtidos no processo de apuração. No entanto, a mera utilização dos dizeres de uma fonte nem sempre é capaz de garantir a credibilidade ao discurso jornalístico (CHARAUDEAU, 2006), uma vez que

o êxito deste depende da posição social do informante (fonte), da representatividade no seu grupo e do grau de engajamento com a informação. As relações entre jornalistas e fontes são complexas, visto que ambos sujeitos possuem interesses específicos e, muitas vezes, conflitantes.

Não sendo informantes passivos, as fontes podem buscar visibilidade midiática por meio das mais variadas estratégias. Enquanto as fontes se empenham em divulgar questões que lhe interessam, os jornalistas as interpelam com o propósito de evidenciar informações que, por vezes, elas venham a esconder. Há, assim, uma negociabilidade típica da construção dos conteúdos noticiosos, um relacionamento permeado por fatores como incentivos, poder, proximidade social e geográfica, além do fornecimento de informações credíveis por parte dos informantes (SANTOS, 2003).

Para além das possíveis classificações das fontes, é importante reconhecer que a formação das redes de fontes não ocorre de modo aleatório ou casual (WOLF, 2012). Isso porque o discurso jornalístico não funciona de maneira linear – na qual o jornalista meramente passaria os dizeres dos informantes para o público –, mas circular, visto que as escolhas e efeitos destas acabam por influenciar na tomada de novas ações. Assim, jornalistas, fontes e públicos participam de um jogo de forças, em que as notícias acabam sendo, entre outras coisas, o exercício do poder sobre a interpretação da realidade (GANS, 1979).

Ruellan (2006) defende que os estudos em jornalismo realizem uma “costura” entre os três sujeitos que atuam no processo de produção noticiosa (fontes, jornalistas e públicos), pensando na alteração de fronteiras entre eles provocadas pelas constantes reestruturações no ecossistema jornalístico contemporâneo. O autor, contudo, alerta que o jornalismo não deve ser observado somente pelo prisma da categoria profissional, sendo necessário ultrapassar o mídia-centrismo e incluir as interrelações reflexivas (dos jornalistas entre si), invertidas (o público como fonte do jornalista) ou mesmo desmediatizadas (das fontes com os públicos).

Como explica Schmitz (2011), devido a crescente profissionalização das fontes, estas acabam por conquistar o poder e a capacidade de criar acontecimentos públicos adaptados aos parâmetros jornalísticos. Nesse cenário, o jornalismo torna-se somente o mediador entre quem produz a notícia e o público. Isso ocorre por conta de fatores como os custos para obter a informação, ao enxugamento das redações, à proliferação de assessorias e agências de comunicação e à capacitação das fontes para o relacionamento

com a mídia. Um outro problema relacionado à profissionalização dos informantes é a assimilação acrítica da fala da fonte por parte dos jornalistas. Isso pode ser percebido em notícias e reportagens em que os repórteres incorporam os dizeres dos informantes – na maioria das vezes, fontes relacionadas à uma esfera do poder ou saber – sem nenhum tipo de questionamento.

McQuail (2012) considera que a questão do acesso para as fontes socialmente marginalizadas no jornalismo está relacionada ao grau de homogeneidade (ou tendência hegemônica) do conteúdo da mídia. Há uma série de evidências que as notícias não apenas tendem a focar em um conjunto de problemas limitado, especialmente definido pelos governantes ou outras fontes “oficiais” ou de “elite”, mas de que o acesso preferencial é concedido para a voz da autoridade institucional. Assim, a invisibilidade relativa nos itens noticiosos das pessoas “desconhecidas” ou de status inferior e dos grupos relativamente impotentes é frequentemente observada (MCQUAIL, 2012). Schmitz (2011) também aponta que as fontes populares como as que possuem menos credibilidade para os jornalistas, sendo quase sempre representadas como vítima, cidadão reivindicador ou testemunha no discurso jornalístico. Sejam oficiais, experts ou testemunhais, as fontes possuem uma importância indiscutível na construção do discurso jornalístico, uma vez que são utilizadas para, dentre outras funções, opinar, explicar e atestar a veracidade dos fatos.

O discurso jornalístico, tomado como gênero discursivo particular, é um discurso com grande potencial para ser polifônico (multiplicidade de vozes)⁴. Percebida numa perspectiva crítica da linguagem⁵, a multiplicidade de vozes não se refere diretamente à variedade em termos de fonte de informação humana, isto é, indivíduos empíricos que podem ser categorizados em tipos como oficiais, especialistas, testemunhais, bem como a partir de marcadores identitários como classe, raça e gênero. Pensar na multiplicidade de vozes no discurso jornalístico exige uma compreensão acerca da polifonia, conceito que se refere à diversidade de pontos de vista diferentes e até mesmo contraditórios. O jornalismo também reforça a pluralidade da sociedade ao incorporar distintos pontos de vista sobre os temas e acontecimentos que relata. Em outras palavras, além de ouvir e

⁴ Benetti (2010), todavia, explica que uma matéria jornalística que traga, por exemplo, quatro fontes pode não necessariamente se configurar como texto polifônico, uma vez que os dizeres de cada fonte podem sinalizar um mesmo ponto de vista, isto é, uma única perspectiva de enunciação

⁵ Dentre as abordagens possíveis, podemos destacar a Análise de Discurso de linha francesa, de Michel Pêcheux; a Teoria do Dialogismo, de Mikhail Bakhtin; e a Teoria Polifônica, de Oswald Ducrot.

apresentar indivíduos com as mais diversas ocupações e identidades sociais, o jornalismo torna seu discurso mais complexo e plural quando expõe e articula as vozes – muitas vezes, conflitantes – desses sujeitos.

Apesar de reconhecermos a relevância de uma abordagem discursiva para analisar complexamente as fontes (sujeitos) que constituem o discurso jornalístico, neste artigo, nos concentramos no mapeamento e comparação das fontes presentes em itens noticiosos de jornais brasileiros e estadunidenses.

A presença e os tipos de fontes em jornais do Brasil e dos Estados Unidos

No projeto *Journalistic role performance around the globe*, as fontes são sistematizadas a partir de variáveis e tipos de fontes. As variáveis se referem às categorias de fontes, sendo fontes documentais e fontes humanas.

Tabela 1: Variáveis das fontes

Variável	Procedimento de codificação
Número de fontes	Indica o número total de fontes citadas na história. Inclui citações diretas e citações indiretas (paráfrases). Se uma organização é citada, ela conta como uma. Se a mesma fonte for citada duas vezes, considera-se uma fonte.
Fonte documental	Uma fonte documental é uma publicação ou outro registro que fornece informações e que pode ser usado em outras publicações. Exemplos de fontes de documentos incluem registros oficiais, releases, publicações e relatórios de mídia externa.
Fonte humana	Uma fonte humana é uma pessoa, porta-voz ou representante citado nas notícias. As informações são coletadas de uma pessoa e não de um documento.

Fonte: Traduzido de Hellmuller e Mellado (2016)

Já os tipos de fontes classificados pela pesquisa são: fontes da política (atores do campo político); fontes do setor empresarial (negócios/companhias); fontes da sociedade civil; fontes “pessoas comuns”; fontes da mídia; fontes especializadas e; fontes anônimas. Na tabela a seguir, descrevemos como o projeto reconhece os tipos de fontes. Como já observado por Schmitz (2018), existem algumas incongruências teóricas na classificação

de fontes do projeto, que desconsidera, por exemplo, as “fontes de referências” (bibliografia) e as “notáveis” (personalidades, celebridades, famosos).

Tabela 2: Tipo de fontes

Tipo de fonte	Procedimento de codificação
Campo político	Uma pessoa que trabalha no governo nacional, regional ou provincial ou municipal. Assim, essa categoria inclui uma ampla gama de funcionários do governo, como burocratas, administradores, representantes, executivos, que participam de atividades governamentais. Esta categoria também se refere a membros de partidos políticos com ou sem representação parlamentar.
Setor empresarial	Um porta-voz ou representante do setor comercial ou de um grupo comercial. Inclui associações do setor corporativo; empresas (públicas ou privadas), e empresários específicos ou seus empregados que são individualmente consultados como fontes de informação, seja por sua relevância e influência específica ou por testemunhos.
Sociedade civil	Membros de uma sociedade civil organizada, como uma ONG, um sindicato, uma igreja ou uma organização social similar, fora do estado e do mundo dos negócios.
Pessoas comuns	Todos os cidadãos (vox populi). Isso inclui pessoas como fontes individuais de informação que não estão representadas em nenhuma das categorias anteriores. Essas fontes estão falando apenas por si mesmas.
Mídia	Pessoas que representam um meio de comunicação, citações de informações publicadas em um meio de comunicação ou jornalistas (além do autor da notícia) como indivíduos.
Especializada	Fontes que são consultadas como especialistas em uma área específica, como profissionais ou pesquisadores de universidades, institutos de pesquisa aplicada, centros de pesquisa privados, hospitais ou qualquer outra instituição reconhecida por sua produção de conhecimento.
Anônima	Fontes cujas identidades não são mencionadas e fontes explicitamente referidas como anônimas.

Fonte: Traduzido de Hellmuller e Mellado (2016)

O processo de codificação das fontes foi realizado com base em sentenças, frases, fotos ou citações atribuídas. A análise de conteúdo reuniu 2.749 itens noticiosos de quatro diários de interesse geral, publicados em 14 dias de 2012 e 14 dias de 2013. Os dados evidenciam que, no conjunto de países, cerca de um terço (33,88%) dos itens noticiosos apresentam apenas uma fonte. 11% não trazem nenhuma fonte. Logo, 45,71% dos

conteúdos não apresentam nenhuma fonte ou apenas uma. Este cenário modifica-se consideravelmente quando visualizamos somente os dados dos jornais brasileiros e, principalmente, estadunidenses. No caso do Brasil, 29,39% dos itens noticiosos apresentam uma ou nenhuma fonte. Já nos Estados Unidos, a situação é ainda mais diferente, visto que apenas 14,22% dos conteúdos trazem uma ou nenhuma fonte.

Tabela 3: Número de fontes no Brasil, EUA e no conjunto geral de países

Escala	(%) Brasil	Escala	(%) EUA	Escala	(%) Geral
Entre 0 e 1	29,39	Entre 0 e 1	14,22	Entre 0 e 1	45,71
Entre 2 e 4	56,09	Entre 2 e 4	34,75	Entre 2 e 4	41,49
Entre 5 e 10	14,11	Entre 5 e 10	43,69	Entre 5 e 10	11,52
Mais de 10	1,39	Mais de 10	7,38	Mais de 10	0,01
Mais de 20	0,00	Mais de 20	0,21	Mais de 20	0,07

Fonte: autoria própria

Entre os itens noticiosos que possuem de dois a quatro fontes, o Brasil aparece com 56,09%, índice superior ao observado nos Estados Unidos (34,75%) e na média do conjunto geral de países (45,71%). Em contrapartida, os Estados Unidos se destaca na escala que vai de 5 a 10 fontes por item noticioso, chegando aos 43,69%. Nesta escala, Brasil e o conjunto geral de países apresentam 14,11% e 11,52% respectivamente. No que diz respeito ao número médio de fontes por item noticioso, na cobertura jornalística brasileira obteve 2,65. Por sua vez, a média nos Estados Unidos foi de 5,18. Ambos – mas principalmente os jornais estadunidenses –, estão acima da média do conjunto de países que é 2,31.

A menção a fontes, tanto documentais quanto humanas, é um pouco mais significativa nos jornais estadunidenses. No que concerne à categoria documental, os Estados Unidos alcançam 41,17%, Brasil 37,80% e conjunto geral de países 33,21%. O mesmo ocorre com a categoria humana, em que os Estados Unidos possuem 93,67%. Brasil e conjunto geral de países têm, respectivamente, 87,20% e 72,02%.

Tabela 4: Categorias de fontes no Brasil, EUA e no conjunto geral de países

Documental Brasil (%)	Documental EUA (%)	Documental Geral (%)
37,80	41,17	33,21
Humana Brasil (%)	Humana EUA (%)	Humana Geral (%)
87,20	93,67	72,02

Fonte: autoria própria

A partir da análise de conteúdo realizada pelas equipes do Brasil e Estados Unidos, também foram localizados os tipos de fontes presentes na cobertura jornalística brasileira e norte-americana.

Tabela 5: Tipos de fontes em Brasil e Estados Unidos

Tipo de fontes	Brasil (%)	Estados Unidos (%)
Campo político	53,66	76,00
Setor empresarial	23,61	34,34
Sociedade Civil	13,79	20,20
Pessoas comuns	9,28	29,77
Mídia	12,99	14,78
Especializada	20,95	33,85
Anônimas	9,57	9,92
Outras fontes	14,73	3,80

Fonte: autoria própria

Primeiramente, a tabela supracitada reafirma a presença de mais fontes na cobertura dos jornais dos Estados Unidos. No tocante aos tipos de fontes, nota-se a predominância de informantes do campo político nos dois países, seguida das fontes do setor empresarial e das fontes do tipo especializada. Já as fontes do tipo anônima possuem índice baixo – muito parecidos – nos itens noticiosos das duas nações.

Também atentamos para a fonte principal de cada item noticioso. Para determinar a centralidade das fontes foram utilizados critérios como o espaço dado a informações sobre a fonte e a frequência com que é citada a fonte. A partir da análise de conteúdo, verifica-se que os tipos de fontes predominantes nos itens noticiosos são as mesmas no Brasil e nos Estados Unidos. Em ambos os países, a fonte principal é, na maior parte das vezes, pertencente ao campo político: Brasil (44,49%) e Estados Unidos (55,74%). Em segundo lugar aparece a fonte do setor empresarial: Brasil (14,19%) e Estados Unidos (12,74). O terceiro tipo de fonte mais registrado como principal difere-se nestes países. Nos jornais brasileiros, elas são as especialistas (11,39%). Já nos veículos estadunidenses, nesta posição, aparecem as pessoas comuns. Estas últimas representam apenas 3,24% dos casos de fonte principal nos itens noticiosos do Brasil.

Outro aspecto relevante concernente as fontes é o balanço, dimensão que sinaliza o quanto os itens noticiosos apresentam uma perspectiva equilibrada, congregando não somente diversas fontes, mas ainda distintos pontos de vista. Para um item noticioso ser considerado equilibrado, as fontes precisam representar posições diferentes dentro do relato, ou seja, é necessário que sejam apresentadas diferentes angulações da questão principal.

Tabela 6: Balanço informativo em Brasil e EUA

Categoria/ País	Brasil (%)	USA (%)
Ausência de fontes ou pontos de vista	27,25	3,87
Cobertura unilateral	28,81	26,95
Presença de diferentes fontes e pontos de vista	43,94	69,18

Fonte: autoria própria

A seguir, adentramos as considerações parciais deste artigo. É preciso ponderar que esta pesquisa ainda será aprimorada com a problematização dos dados aqui

apresentados. Em outro momento, os resultados da análise de conteúdo serão devidamente tensionados e discutidos em termos teóricos e metodológicos.

Considerações parciais

Este artigo caracteriza-se como uma correlação inicial entre os papéis profissionais e o uso de fontes no Brasil e nos Estados Unidos. Os primeiros movimentos realizados aqui incluíram a apresentação do JRP, uma breve discussão sobre a centralidade das fontes de informação no discurso jornalístico e, ainda, a descrição dos resultados da análise de conteúdo vinculada diretamente ao “elemento fonte” nos jornais brasileiros e estadunidenses. Nos parágrafos que seguem, realizamos uma breve síntese dos dados.

No que diz respeito à menção das fontes, evidencia-se que essa prática é consideravelmente mais forte nos Estados Unidos do que no Brasil. A cobertura norte-americana também está acima da média brasileira e do conjunto geral dos países no que se refere à presença de itens noticiosos com cinco ou mais fontes. Por sua vez, a maioria das peças brasileiras possui entre dois e quatro fontes. Já os casos em que há nenhuma ou somente uma fonte são mais verificados no total de dados dos conjuntos de países do que nestes dois países. Em relação as categorias documentais e humanas, verifica-se dados próximos em Brasil e Estados Unidos. Como esperado, nas duas nações, as fontes humanas são as mais recorrentes.

Os tipos de fontes – e também a fonte principal – mais mobilizados nas coberturas jornalísticas brasileira e estadunidense são bastante parecidos. Ambos os países congregam, majoritariamente, fontes do campo político e do setor empresarial. Aliás, estes são, na maior parte das vezes, os dois tipos de fonte principal dos itens noticiosos. Assim como nos jornais estadunidenses, nos diários brasileiros, as fontes especializadas são quase tão citadas quanto as fontes do setor empresarial. No entanto, o jornalismo⁶ dos Estados Unidos valoriza significativamente a menção a fontes do tipo pessoas comum. Este é o tipo de fonte menos contemplado pelos jornais do Brasil. Os dois países também se diferenciam no chamado balanço informativo. A cobertura jornalística com ausência de fontes ou pontos de vista é uma realidade mais presente no Brasil. O contrário ocorre

⁶ Reconhecemos que o jornalismo dos dois países extrapola o exercido a partir dos jornais diários, visto que os sistemas de mídia incluem, também, as práticas na TV, rádio, internet, entre outros meios, espaços e tecnologias.

nos jornais dos Estados Unidos, que reúnem um equilíbrio informativo expressamente maior do que os periódicos brasileiros.

As próximas ações da pesquisa iniciada com o presente artigo, inclui uma efetiva correlação entre os papéis profissionais e o uso de fontes no Brasil e nos Estados Unidos. Logo abaixo, a tabela 7, adaptada de Mellado et. al. (2017), resume as medidas descritivas para cada modelo no Brasil e Estados Unidos. Ao lado das médias descritivas, em parênteses, consta o desvio padrão dos valores.

Tabela 7: Papéis profissionais em Brasil e EUA

Modelos/Países	Brasil	EUA
Intervencionista	.12 (.18)	.32 (.19)
Cão de guarda	.09 (.14)	.09 (.11)
Leal-Facilitador	.03 (.10)	.01 (.04)
Cívico	.05 (.11)	.12 (.15)
Infotimento	.05 (.11)	.07 (.13)
Serviço	.05 (.13)	.02 (.07)

Fonte: Adaptado de Mellado et. al. (2017)

A partir dos dados da tabela supracitada, podemos começar a avaliar como os papéis profissionais estão conectados ao uso das fontes no discurso jornalístico. Desde já, é possível observar que os modelos intervencionista e cão de guarda predominam tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, bem como o uso das fontes do campo político e do setor empresarial. O debate acerca da centralidade das fontes no discurso jornalístico e seus laços com os papéis profissionais nestes dois países ainda será realizado. Além disso, posteriormente, os dados aqui apresentados serão problematizados com base no referencial teórico sobre fontes de informação, bem como em componentes dos sistemas midiáticos, políticos, econômicos e socioculturais de cada país.

Referências:

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2016.

GANS, H. **Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek, and Time**. New York: Vintage Books, 1980.

HELLMUELLER, L; MELLADO, C. Professional roles and news construction: a media sociology conceptualization of journalists' role conception and performance. **Communication & Society**. 28(3), 1- 11. 2015.

McQUAIL, D. **Atuação da mídia: comunicação de massa e interesse público**. Porto Alegre: Penso, 2012.

MELLADO, C. Professional Roles in news content: Six dimensions of journalistic role performance. **Journalism Studies**.16 (4), 596-614, 2015.

MELLADO, C; HELLMUELLER, L, MÁRQUEZ-RAMÍREZ, M; HUMANES, M. L; SPARKS, C; STEPINSKA, A; PASTI, S; SCHIELICKE, A; TANDOC, E; E & WANG, H. The Hybridization of Journalistic Cultures: A Comparative Study of Journalistic Role Performance. **Journal of Communication**.67(6), 944-967, 2017.

RUELLAN, D. Corte e costura do jornalismo. **Líbero**. São Paulo, Ano IX, nº 18, dez. 2006, p. 31-40.

SANTOS, R. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis, SC: Combook, 2011.

SCHMITZ, A. A. **Os graus de autonomia do jornalista brasileiro: lacunas entre ideais, percepções e práticas profissionais efetivas nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo e Zero Hora**. Tese de Doutorado em Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2015.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.